

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nenhum escritor esgota a obra de um gênio.”

Joaquim Barradas de Carvalho. Conforme Maria Lúcia Perrone Passos. *Brasil e Portugal, uns contos e tal.*

A epígrafe deve explicar ao leitor porque optei não chamar esse último capítulo de “Conclusão”. Ainda assim, sua função é bastante tradicional: dar ordem ao caos – apresentar de forma mais sucinta e clara o resultado das reflexões que se emaranharam nos capítulos anteriores.

Vimos como a auto-atribuição de Barradas como exilado é reveladora da forma como compreendia as suas responsabilidades de intelectual. O intelectual, assim como o exilado, é essencialmente aquele que opta por uma vida insegura e instável por respeito as suas próprias convicções. O estatuto de intelectual para Barradas só era honestamente merecido por aqueles que mantivessem um alto grau, não só de independência, mas também de oposição aos grupos sociais dominantes. Essa convicção era reforçada pelas perseguições políticas que um grupo significativo de intelectuais portugueses sofria no Estado Novo – perseguições de que ele próprio fora vítima e que, evidentemente, impunham sérias barreiras a qualquer atividade intelectual.

Essa situação levou Barradas a definir o Salazarismo como um regime político essencialmente obscurantista e a deixar o país natal como forma de manter sua atuação política e profissional. Estabelecido primeiro na França, deixou esse país para atuar como professor da USP entre 64 e 69. O principal motivo dessa transposição foi a convicção de Barradas que, no Brasil, poderia compreender melhor Portugal. De fato, parece que os anos que viveu entre nós exerceram uma influência determinante no seu posicionamento político e historiográfico. Foi aqui que amadureceu o seu projeto maior para Portugal: a formação da “comunidade Luso-Afro-Brasileira”. Essa comunidade aparecia como uma alternativa para o violento colonialismo salazarista que, no entanto, não permitiria que os laços históricos do Império Português se desfizessem completamente.

A argumentação em defesa desse projeto tem bases mais historiográficas do que políticas: a Comunidade Luso-Afro-Brasileira é vista como algo coerente

com a verdadeira vocação histórica portuguesa. Na perspectiva de Barradas os “Descobrimentos” teriam gerado em Portugal uma cultura experiencialista e crítica, completamente aberta ao Saber e ao desenvolvimento científico – o “Renascimento Português”. Esse Renascimento, no entanto, teria sido sufocado pelo “obscurantismo” do Santo Ofício e, desde então, Portugal permanecia mergulhado em uma “longa noite” de ignorância e estupidez. Para Barradas a perseguição intelectual promovida por Salazar era uma evidência de que o Estado Novo era a manifestação mais recente desse “obscurantismo” inaugurado pela Inquisição no século XVI.

No entanto, longe de acreditar que a “cultura dos Descobrimentos” era um evento passado, impossível de ser revivido, Barradas acreditava que essa cultura se mantinha presente, ainda que sufocada pelo obscurantismo, em todas as eras de Portugal. Era como se fosse uma determinação de outra ordem, que não a histórica, uma determinação insuperável e indelével. Nem Salazar, nem a Inquisição, poderiam destruir o Renascimento Português – tudo que eles faziam era envolvê-lo em uma pesada mortalha, impedindo que a sua luz irradiasse e voltasse a iluminar toda a sociedade lusitana. Mas, por baixo do obscurantismo, o brilho continuava a arder, pois ele não era uma mera contingência histórica, era a própria essência da cultura portuguesa. Era essa idéia que lhe permitia entender os Descobrimentos como verdadeiro epicentro da História Portuguesa – episódio que ordenava todo o devir histórico, que determinava tudo que lhe era anterior e posterior.

Essa perspectiva, porém, não havia nascido com Barradas. Antes dele um importante e diversificado segmento da intelectualidade portuguesa já havia manifestado idéias e anseios semelhantes. Historiadores, filósofos, poetas e escritores aguardavam saudosamente o retorno dessa fase áurea lusitana que, como um D. Sebastião desperto de seu sono milenar, viria salvar Portugal da escuridão profunda. Dentro desse grupo se inseriam os historiadores vinculados ao “discurso decadentista” – corrente historiográfica onde a denúncia da decadência contemporânea portuguesa estava sempre vinculada a uma perspectiva saudosa do passado glorioso e a um implícito (ou explícito, muitas vezes) desejo de revivê-lo.

Essa corrente havia exercido influência definitiva na formação de Barradas, que com ela aprendeu a encarar o passado português com uma certa “sacralidade”. Embora a própria importância que atribuía aos Descobrimentos se

devesse ao fato de ver neles o momento em que Portugal esteve mais a par do processo de evolução que determinava as sociedades européias da época, é evidente que na definição que faz deste episódio histórico Barradas se afasta um pouco da tradicional teleologia progressista. O passado não é visto por Barradas como uma etapa superada, um degrau vencido na marcha do progresso humano, mas sim como algo que precisa ser revivido como pré-requisito fundamental para a continuidade dessa mesma marcha.

Essa espécie de “sacralidade” que era atribuída aos Descobrimentos ajuda a explicar a oposição de Barradas ao Estado Novo, que havia cometido a impiedade, o sacrilégio máximo do “obscurantismo” – pratica que negava, era a verdadeira antítese do Renascimento. Assim o regime salazarista era a verdadeira “traição da pátria”, e Barradas, coerente com o seu auto-atribuído papel de “intelectual exílico” (necessariamente engajado politicamente e inconformado com o *status quo*) não poderia deixar de combatê-lo.

A História que escreve é, portanto, um dos lugares onde trava esse combate. É, para usar a categoria de Certau, “ficção do presente” – espaço onde se permite e onde lhe é permitido tratar politicamente do atual. Da mesma forma que, ao buscar o exílio, na França e no Brasil, Barradas buscava a possibilidade de continuar sua atuação política e científica, ao escrever sua História, Barradas prossegue sua luta contra o salazarismo – exilando-se no Passado, afastando-se do Presente para falar dele e para alcançar esse mesmo presente. É nesse sentido que digo que, em Barradas, o passado é o espelho do presente, e vice-versa. Não que sejam iguais... São apenas semelhantes. Mas essa semelhança é, tal qual a de um reflexo, uma semelhança invertida – o salazarismo é o inverso do Renascimento Português.

As múltiplas imagens, todas elas semelhantes, e nem por isso iguais entre si, que se formaram a partir do singular jogo de espelhos montado por Barradas (Brasil refletindo e sendo refletido por Portugal; Presente refletindo e sendo refletido pelo Passado), foram o objeto de estudo deste trabalho. A única conclusão definitiva desta dissertação, a única certeza que tenho, é que espelhos que se refletem mutuamente formam infinitas imagens, que na sua imensurável multiplicidade não podem ser delimitadas de forma definitiva.

Mapa de referências teóricas de Joaquim Barradas de Carvalho

